

# Um Conselho de Economia

A7

PEDRO EBERHARDT

Às vésperas de completar um ano de mandato, o presidente Collor dá claros sinais de que quer a partir de um amplo entendimento nacional, superar a grave crise que atinge o País. Mais que isso, passada a ressaça eleitoral dos últimos dois anos, o próprio Congresso Nacional (agora renovado e revitalizado) também sinaliza nessa direção, começando a abrir mão dos resquícios ideológicos, na busca de algo maior para a Nação.

Muito bem, se ambos — Presidente e Congresso — estão dispostos a estender a mão e, juntos, encontrar saídas alternativas para a crise econômica, podemos afirmar com segurança que estão criadas as condições ideais para que o Brasil, finalmente, chegue de forma decidida e madura ao tão sonhado pacto social.

Homens responsáveis e bem-intencionados em suas iniciativas precisam ter o bom-senso e a humildade de aceitarem, reciprocamente, as opiniões alheias, ainda que muitas vezes elas caminhem na direção oposta ao seu próprio pensamento. Se o governo Collor admite que não é infalível e que não quer ouvir de seus opositores apenas críticas, e sim propostas concretas; e se as oposições já superaram a fase pueril da crítica fácil e oportunista, partindo para ações concretas de entendimento, admitindo ceder no varejo para ganhar (com o País) no atacado, podemos dizer, sem exageros, que, agora sim, com serenidade e bom-senso o País poderá trilhar o caminho do crescimento, visando a sobrepujar as desigualdades e inserir-se num cenário mais condizente com as aspirações de todos nós. O tempo dirá se estamos certos ou não.

É improvável esse clima de espíritos desarmados, de desejo de encontrar caminhos que nos possibilitem avançar, de busca de uma unidade que nunca tivemos a oportunidade de saborear na plenitude, que tomo a liberdade de fazer aqui, neste espaço, uma sugestão ao Presidente da República, que poderá lhe poupar, no futuro, os dissabores que vêm sendo colhidos dia após dia na área econômica, exatamente pelo isolamento do Governo e pela unilateralidade das medidas tomadas, sobretudo no campo econômico.

Por que não, senhor Presidente, criar um "Conselho Consultivo de Economia", integrado por todos os ex-ministros da área econômica, complementado por mais alguns representantes da estrita confiança presidencial, para ser formalmente ouvido a cada um ou dois meses, ou mesmo em situações de crise como a que estamos vivendo atualmente?

São vários os méritos de uma iniciativa desse gênero, a meu ver, a começar pela própria experiência de homens como Delfim Netto, Mário Henrique Simonsen, Maílson da Nóbrega, Roberto Campos, João Sayad, Bresser Pereira, Reis Velloso, para citar apenas alguns, cuja colaboração seria de estratégica importância para as pretensões do Governo. Uma decisão de tal magnitude teria ainda o mérito de demonstrar na prática que o Governo quer ouvir as diversas correntes do pensamento econômico, ponderando-as na hora de tomar decisões que vão mexer com a vida de toda a sociedade brasileira. O Presidente, além disso, acabaria com um pôlo permanente de críticas, já que passaria a ouvi-las diretamente das fontes, e não pelos jornais ou pelos corredores palacianos.

Mais ainda, o Governo comprometeria seus críticos mais contumazes com a tarefa de encontrar soluções de consenso, o que, por si só, já significaria meio caminho andado na aceitação do conjunto de medidas que vierem a ser implementadas a partir de então.

Todos esses homens, além disso, têm hoje intensa atividade política, o que quer dizer que, além de visões pluralistas, trazem consigo o aval das forças que representam, inclusive no Congresso Nacional.

Um órgão dessa envergadura poderia ser fundamental no resgate da credibilidade do Governo e de sua própria política econômica, que, obviamente, teria de sofrer os ajustes compatíveis com um novo estado de espírito. Não deixaria, por outro lado, aos membros selecionados a opção da recusa, já que não haveria convite mas uma convocação do Presidente e da própria Nação brasileira.

Quanto aos possíveis argumentos de que eles já foram governo e não conseguiram deixar a economia brasileira nos eixos, devendo, pois, ser descartados, nem devemos levar em consideração. Todos aprendemos e muito com as crises; mais ainda, quem já esteve lá, sendo vidraça e sentindo na carne o que é comandar a economia de um país gigante tão complexo e cheio de desigualdades e vícios como o Brasil, tem muito a dar. E a Nação ganhará com isso, pois estará ela própria acertando e errando colegiadamente.

■ Pedro Eberhardt é presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores — Sindipeças